

O jornalismo em muitas janelas

Ao contrário do que muitos pensam, o cotidiano de edição de publicações científicas está longe de ser maçante e previsível. O processo é complexo e envolve etapas como recebimento de artigos, designação de avaliadores, coleta e processamento de pareceres, e definição da ordem dos textos a serem publicados. Isso sem contar nas muitas revisões de texto, na

diagramação das páginas, na indexação dos números e atribuição dos DOIs (Digital Object Identifier). A cada fase, novos desafios e surpresas se apresentam.

Comumente, na Estudos em Jornalismo e Mídia, lançamos chamadas incentivando o envio de artigos que privilegiem debates de assuntos em evidência. Muitos pesquisadores respondem a essas “provocações”, o que facilita à equipe a organização de núcleos temáticos. Neste primeiro semestre de 2015, contrariamos essa prática, já que havia dezenas de artigos em fila

de avaliação. Para atender a esta demanda reprimida, decidimos distribuir os textos para especialistas e, a partir do resultado global da avaliação, observar temas que pudessem dar uma organicidade à edição. Nossa surpresa foi perceber como diversos pesquisadores – de várias partes do Brasil e do exterior – estão se debruçando sobre as variadas possibilidades de apresentação de conteúdos jornalísticos em smartphones, tablets, e demais dispositivos móveis. Daí que percebemos que o núcleo temático deste primeiro número do volume 12 deveria focar a informação em múltiplas telas.

Bertolini dá início ao especial, fazendo considerações sobre a tecnologia para além de seu enquadramento digital. Renault e Cataldo refletem sobre as distinções de temporalidade em plataformas de difusão informativa em tempo real. Belochio analisa o caso da Zero Hora e de como a distribuição de conteúdos em multiplataforma afeta os contratos de comunicação propostos pelo jornal gaúcho.

Sousa se preocupa com as reconfigurações do jornalismo diante dos processos de transposição, adequação e recriação de linguagens das páginas impressas às telas de avançados dis-

Apresentação de conteúdos jornalísticos em dispositivos móveis é objeto de estudo de pesquisadores

positivos móveis. Da Alemanha, Ivana Ebel relata experiências do chamado jornalismo aumentado, descortinando um conjunto impressionante de possibilidades narrativas.

Concentrados nos novos movimentos da televisão – a grande tela, a maior mídia –, Silva Sousa analisa as culturas nacionais brasileira e argentina através de um comparativo entre o *Jornal Nacional* e o *Telenoche*. Bazi, Roldão e Benedito colocam uma lente de aumento sobre o fenômeno das entrevistas dos candidatos à presidência da república em 2014 ao *Jornal Nacional*. Hagen, por sua vez, identifica o que chama de apagamento do correspondente estrangeiro no local do acontecimento telejornalístico.

Para completar esta edição, trazemos ainda um qualificado conjunto de artigos livres, que extrapolam e complexificam o panorama da pesquisa científica atual em nosso campo.

Wainberg trata do processamento cognitivo da audiência no noticiário. Marques e Mont’Alverne retomam os sempre reveladores estudos sobre editoriais de jornais, com foco na fixação da opinião e no exercício da influência política. Artigo que ganha novos contornos se comparado ao de Assis e Bulhões, que recorrem ao dialogismo bakhtiniano para ler o jornalismo econômico brasileiro.

Completado um ano da Copa do Mundo no Brasil, convém retomar o assunto, o que Araújo faz analisando masculinidade e repercussão midiática da performance da seleção nacional no evento. Completam a edição os textos de Martins e Dornelles – sobre o folk-jornalismo como prática profissional –, Assumpção, Corradi e Araújo – sobre

a representação da Amazônia no *The New York Times* –, e de Cazzamata – sobre códigos latinoamericanos de ética jornalística.

Múltiplas telas, diversos escopos de pesquisa e variados interesses de conhecimento. Esperamos que a experiência de leitura seja altamente proveitosa!

Rogério Christofolletti, editor
Cárlida Emerim, subeditora